

# São Paulo, 450



## Desafios da megametrópole

© Raul Junior

Um estrangeiro, funcionário de uma companhia multinacional, vem a São Paulo em viagem de trabalho. Desembarca num aeroporto moderno, toma um radiotáxi com motorista bem apresentado, cruza dois trechos curtos de estradas modernas e, vinte minutos depois, entra na capital pela marginal do Tietê. A visão da modernidade fica para trás. Ou melhor, turva-se com as favelas e o lixo em volta, com as águas sujas e malcheirosas do rio. “Estamos recuperando o rio, como o senhor pode ver. Tudo aqui vai ficar uma beleza”, apressa-se em informar o taxista, em inglês razoável, referindo-se às obras em curso na calha urbana do velho e fragilizado Tietê. “Ok! very good!”, retruca o executivo, disfarçando um certo ar de dúvida. O carro vai devagar em meio ao congestionamento pesado do início da manhã, com vidros fechados e ar condicionado ligado, e o viajante vai observando a paisagem paulistana onde se misturam sinais de atraso e progresso, de feiúra e beleza, de pobreza e riqueza. A certa altura, nota à direita, próximo à via expressa, um conjunto de edifícios singelos,



Conjunto Cingapura: substituir os barracos das favelas por moradias populares mais dignas, no esforço de melhorar o ambiente urbano e promover a inclusão social.

baixos e coloridos. “Please, what are those buildings?”, pergunta ao motorista, apontando para os prédios. “São apartamentos para famílias pobres, construídos para acabar com as favelas; são chamados de Cingapura”, explica o taxista. “Cingapura? Curious, really curious!” exclama, surpreso, o executivo, parecendo concordar que o nome, afinal, foi bem escolhido para uma verdadeira confusão “asiática”.

## Megametrópole

Para quem chega a São Paulo, sobretudo na primeira vez, o impacto é grande. Proporcional, sem dúvida, à escala de grandeza da cidade, onde tudo é vasto e onde tudo impressiona, agradável e desagradavelmente.

Começemos pelos números: a capital paulista, com uma população de 10,5 milhões de habitantes, centraliza um aglomerado de 37 municípios com uma população total de cerca de 18 milhões de habitantes. É uma das quatro maiores concentrações urbanas do mundo e sua irradiação econômica pode ser sentida a centenas de quilômetros à sua volta. Nessa poderosa concentração estão

alguns dos índices mais elevados e dos mais baixos em qualidade de vida do país – em educação, saúde, moradia, transporte, trabalho e renda.

Passemos à infra-estrutura: a cidade dispõe de um metrô dos mais novos e modernos do mundo, mas sua

Eduardo Knapp/Folha Imagem



Metrô de São Paulo, linha do Capão Redondo, zona sul da cidade: é um dos mais modernos e eficientes do mundo, mas ainda longe da capacidade operacional necessária para atender a população da metrópole.

# São Paulo, 450

extensão, ainda inferior a 60 quilômetros, não impede que o transporte coletivo seja lento e caro, e o trânsito siga caótico.

Quanto ao abastecimento de água e energia elétrica domiciliar, a cidade está perto da cobertura plena. Já em relação ao saneamento básico, à captação e ao tratamento dos rejeitos domésticos e industriais, São Paulo ainda está longe do desejável, mantendo rios e córregos como esgotos a céu aberto.

Cheguemos à cultura: em São Paulo, moradores e visitantes não têm do que se queixar em relação à oferta de serviços e bens culturais – desde que possam pagar pelo acesso a eles. Na cidade estão o melhor centro universitário do país, a Universidade de São Paulo; uma das melhores salas de concerto, a Sala São Paulo; a Pinacoteca do Estado, renovada e dinamizada; o Museu de Arte de São Paulo, de tradição e prestígio internacional; o belo Theatro Municipal, instituição histórica e simbólica da modernização paulistana; o Parque do Ibirapuera, cujo complexo arquitetônico foi criado por Niemeyer para o IV Centenário, em 1954, além de uma ampla rede de teatros, cinemas, restaurantes, bares e casas de espetáculos. Por esses lugares, durante o ano todo, desfilam grandes companhias e orquestras sinfônicas, bandas de jazz e grupos de rock, exibem-se bons filmes nacionais e estrangeiros, apresentam-se exposições com o melhor da arte nacional e mundial.

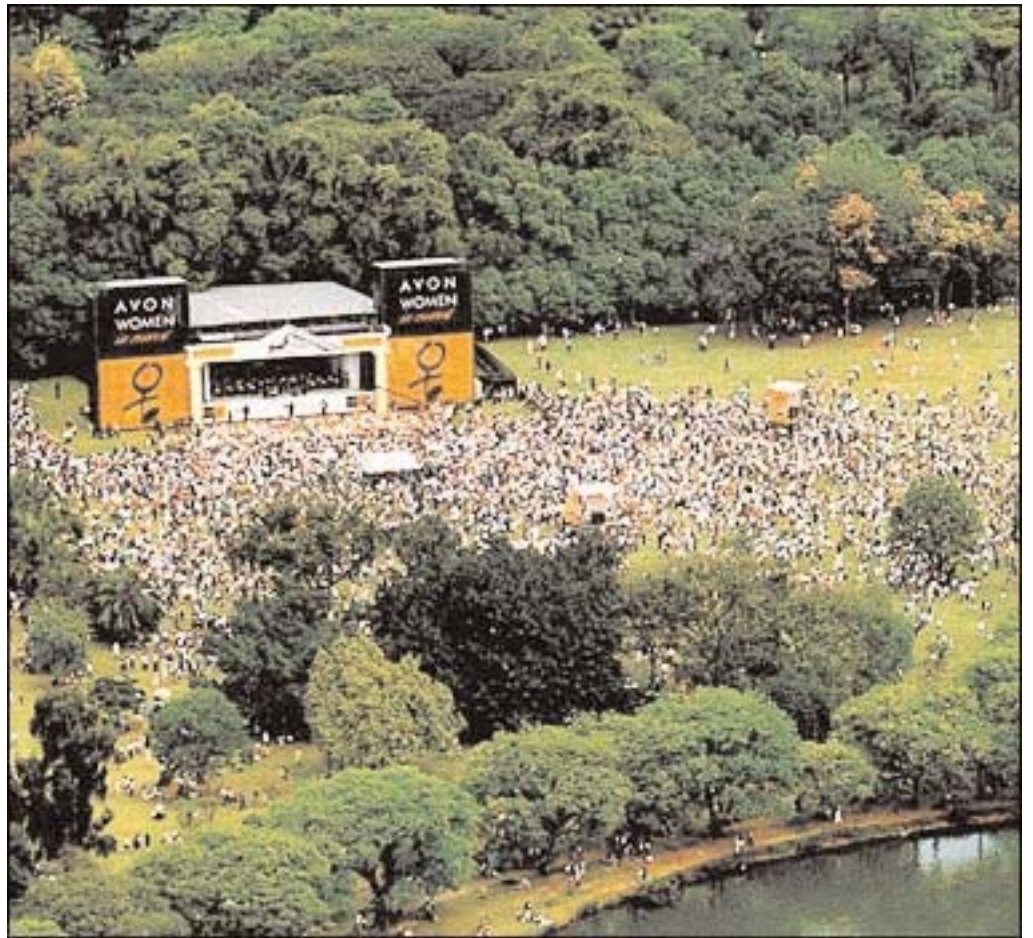
## Negativos urbanos

Essa dramaticidade salta aos olhos dos que chegam e incomoda muito, e freqüentemente agride, os que vivem na cidade. São Paulo, a par da riqueza exuberante, fruto de trabalho aplicado e de lucrativos investimentos, exhibe um déficit social espantoso. Se, por um lado, a cidade ainda pode oferecer-se como terra de oportunidades, por

outro, precisa urgentemente reconhecer e resgatar a dívida contraída com sua população.

Dívida nada pequena, exposta em toda sua dimensão nos chamados “negativos urbanos”, sintetizados no belo trabalho de Gloria Kok, *São Paulo 450 anos, de vila a metrópole*, publicação da BEÍ Comunicação de 2004, em

Fabiana Beltramim/Folha Imagem



Concerto da cantora norte-americana Bárbara Hendricks no parque do Ibirapuera, em 29 de setembro de 2002, assistido por mais de cinquenta mil pessoas; na metrópole há público para tudo, do mais popular ao mais erudito.



# São Paulo, 450

colaboração com a Secretaria Municipal de Educação e com o apoio dos Institutos Unibanco, Votorantim e Gtech. São as carências físicas, econômicas, sociais e culturais que afetam a vida de milhões de paulistanos. Podem ser menos visíveis ao olhar de quem circula nas áreas mais centrais. Mas surgem escancaradas ao olhar de quem se aproxima das “periferias”, sobretudo aquelas mais populosas, pobres e distantes, nos confins das regiões leste e sul, a quase 40 quilômetros do marco zero da cidade, na Praça da Sé.

São tantas as carências que se torna difícil e arriscado tentar resumí-las. Um poucas referências, entretanto, bastam para ilustrar essa realidade, de resto bem conhecida.

**Transporte.** Nas últimas quatro décadas, a frota de ônibus paulistana tornou-se o principal meio de transporte urbano de massa, alcançando hoje cerca de 10 mil unidades em circulação, consideradas suficientes para a demanda: mesmo assim, muitas pessoas ainda gastam de 4 a 6 horas por dia no deslocamento de casa para o local de trabalho.

**Emprego.** Na capital paulista, o desemprego aberto mantém-se há anos em torno de 18%. É um dos níveis médios mais elevados do país, mas que piora ainda mais

quando aplicado a diferentes lugares. Em áreas mais centrais e prósperas da cidade, como no bairro do Itaim Bibi, existem 160 empregos para cada 100 habitantes,

Fernando Moraes/Folha Imagem



Triste memória: em pouco mais de dez anos, entre as décadas de 1950 e 1960, o Largo da Concórdia, um espaço privilegiado da vida paulistana da primeira metade do século XX, dominado pelo belo Teatro Colombo, tornou-se um espaço comercial caótico a céu aberto, tomado por barracas e camelôs.

enquanto em áreas mais distantes da periferia, como em Cidade Tiradentes, na zona leste, e Capão Redondo, na zona sul, a média é de 12 empregos para cada 100 habitantes.

**Habitação.** Cerca de 6 milhões de pessoas em São Paulo moram em loteamentos clandestinos, favelas, cortiços e na rua. Isso confirma o crescimento contínuo da ocupação irregular e da favelização na capital paulista: nos últimos trinta anos, a população das favelas cresceu de 500 mil para quase 2 milhões de moradores. Em contraponto, também não pararam de crescer, no mesmo período, os condomínios de luxo, fechados e exclusivos das classes média e alta. Um contraste gritante.

©Antonio Milena

©Antonio Milena



Contrastes: áreas de grandes favelas, como esta, a de Heliópolis, na região sudeste, entre a capital e o município vizinho de São Caetano.



Contrastes: áreas de residências sofisticadas, de alto padrão arquitetônico e tecnológico, como esta “casa de vidro”, projetada por José Lucena, em 1995.

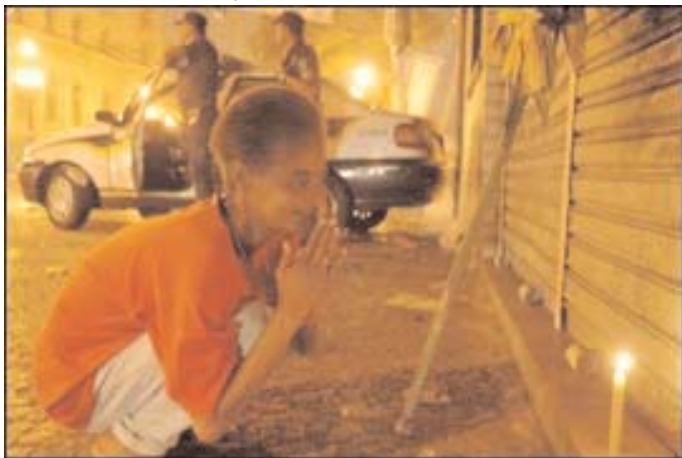
# São Paulo, 450



## O futuro, 450 anos depois

Quatro séculos e meio depois do assentamento de índios e jesuítas na velha colina do Tamanduateí, São Paulo se defronta com os dilemas decorrentes de um crescimento tão expressivo quanto desordenado e injusto. Certamente não há como continuar a ser um imenso arquipélago de pobreza com umas poucas ilhas de excelência pelo meio. E há pouco futuro para uma

Fernando Donasci/Folha Imagem



Cotidiano violento: doméstica acende uma vela no lugar onde, na região central da cidade, dez moradores de rua foram atacados na madrugada de 19 de agosto de 2004, deixando três mortos.

Tuca Vieira/Folha Imagem



No vai-e-vem contínuo dos pedestres nos cruzamentos da avenida Paulista, a imagem de uma cidade em movimento permanente e em busca de equilíbrio entre o passado e o futuro.

cidade onde o primeiro e o quarto mundo convivem numa relação cada vez mais esgarçada e potencialmente explosiva.

Assim, a cidade tem diante de si o desafio óbvio de reduzir o imenso passivo social que foi acumulando enquanto concentrava enormes ativos econômicos. O que implica, essencialmente, em definir e executar políticas públicas com claros objetivos de reordenação do crescimento urbano e de promoção do equilíbrio e da inclusão social.

É certo que parte dos problemas da capital paulista estão relacionados aos problemas estruturais brasileiros, como o desemprego, a pobreza e a violência urbana, por exemplo. Enfrentá-los aqui, portanto, pode ter um efeito dinâmico poderoso sobre o conjunto do país. Pois, mesmo que São Paulo não seja mais a “locomotiva” do Brasil, ainda é sem dúvida a sua melhor “síntese”.

Para ter um futuro, São Paulo, como todas as megametrópoles, deve reencontrar-se e reconciliar-se com sua história e sua gente. Talvez não possa oferecer o céu a todos, mas precisa achar caminhos novos, soluções criativas, eficientes e justas. Sonhar é preciso.